

**Senhor Presidente da Comissão de Orçamento e Finanças,
Senhor Presidente da Comissão de Educação e Ciência,
Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior,
Senhor Secretário de Estado,
Senhoras e Senhores Deputados:**

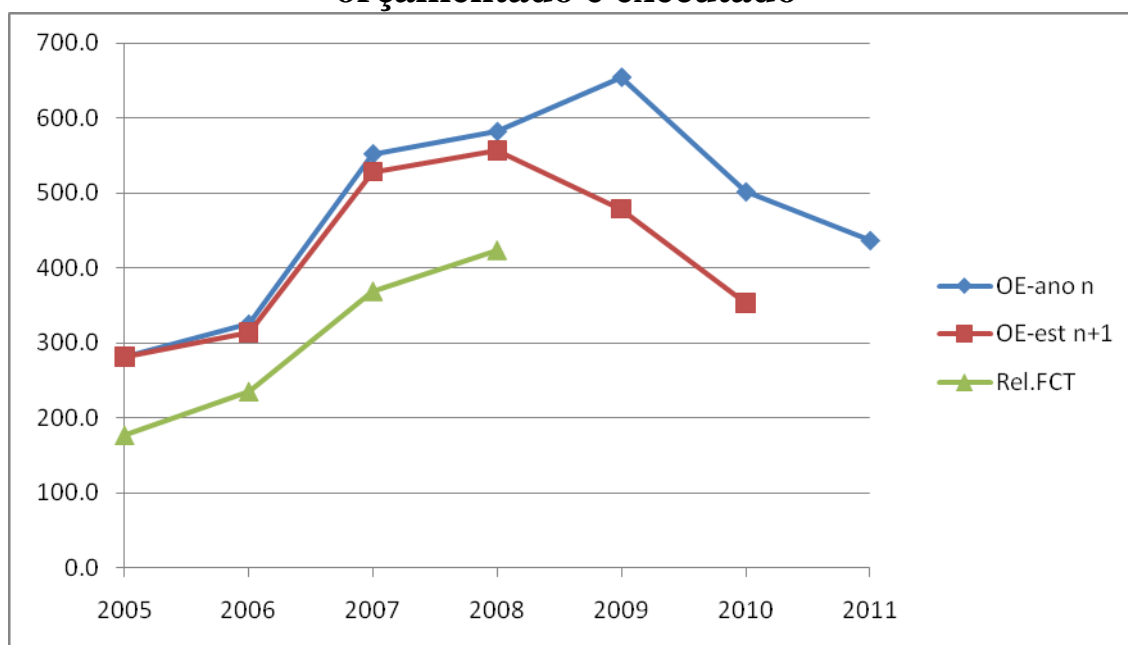
Os nossos cientistas vivem um momento de grande angústia! A Fundação para a Ciência e a Tecnologia acumula atrasos nos processos de concursos e nos pagamentos. O ano de 2010 ficará para a história da FCT pelo recorde nos atrasos nos pagamentos às Unidades de Investigação e aos Laboratórios Associados. Os Investigadores com contratos temporários feitos no quadro dos chamados Ciência 2007 e Ciência 2008 sabem que os seus vencimentos para todo o ano corrente não foram transferidos para as instituições a que estão vinculados e que os seus contratos serão terminados se a situação não for corrigida. Os 1500 jovens que terminam os seus doutoramentos em 2010 sabem que o país não lhes oferece qualquer esperança, que o Ministro da Ciência não lhes oferece qualquer esperança! Os compromissos assumidos pela FCT que vão ser empurrados para o ano seguinte atingem um recorde nunca visto e já não há esperança de que venham a ser satisfeitos de forma ordeira. A hipótese de bancarrota nacional começa a ser assumida como certa na Ciência. O Senhor Ministro da Ciência continuará em estado de negação como é característico do governo de que faz parte mas os responsáveis pelas instituições científicas começam a fazer os seus planos de contingência. Pior do que isso são as decisões que os nossos melhores jovens cientistas tomam discretamente, caso a caso, face à falta de uma orientação que lhes dê esperança. A máquina de propaganda governamental nega a realidade e, por isso, dispensa-se de dar uma orientação ou de construir uma estratégia para sobreviver numa situação nova.

Nada disto se pode ler na “Breve Apresentação da proposta de Orçamento de Estado para 2011” que o Senhor Ministro remeteu a esta Assembleia com data de 5 de Novembro. Aí, continuamos a viver no melhor dos mundos. A “Ciência e Tecnologia” continua a melhorar a sua posição com um orçamento que passa de 528M€ (528.289.768€) em 2010 para

532M€(532.091.518€) em 2011! Estes são os números que o Senhor Ministro entendeu serem os mais interessantes para comunicar à Comunidade Científica e aos portugueses, em geral. Infelizmente, nem a realidade formal dos números do Ministério das Finanças nem a realidade conhecida dos nossos cientistas se ajusta a este exercício de optimismo.

Recolhendo informação dos Relatórios que acompanham o OE e os Relatórios de Actividade da Fundação para a Ciência e a Tecnologia podemos formar a seguinte imagem dos últimos anos:

Fundação para a Ciência e a Tecnologia, orçamentado e executado¹

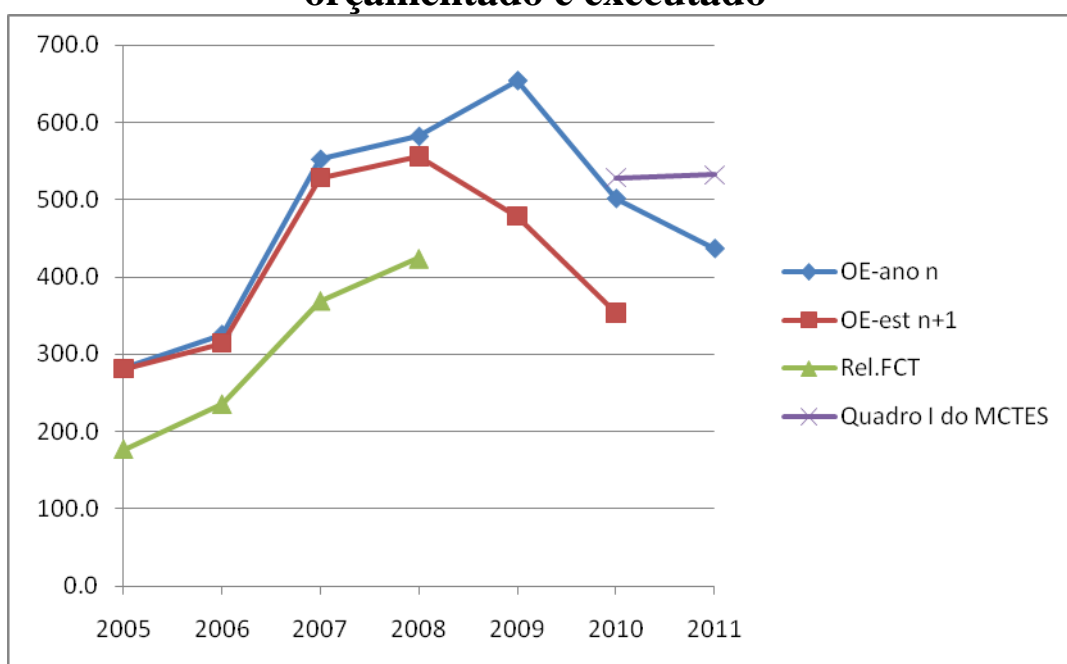


| | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| OE-ano n | 281.6 | 325.4 | 552.1 | 581.9 | 654.1 | 501.5 | 436.7 |
| OE-est n+1 | 281.5 | 314.4 | 528.3 | 556.3 | 478.7 | 353.5 | |
| Rel.FCT (PIDDAC) | 176.8 | 235.2 | 369.4 | 424.2 | | | |

¹ O gráfico apresenta os valores previstos no Relatório do Orçamento de Estado para cada ano e as estimativas de execução aí apresentadas para o ano anterior. Os Relatórios de Actividades da Fundação para a Ciência e a Tecnologia apresentam valores definitivos da respectiva execução, sendo o relatório mais recente referente a 2008. Devem notar-se as baixas execuções “estimadas” para os anos de 2009 e 2010. Nos anos anteriores, as execuções previstas eram elevadas (acima de 95%) mas as execuções efectivas ficaram entre 63% e 73%. Para 2010, a execução estimada fica pelos 70,5%. Esta baixa execução pode explicar os grandes atrasos de pagamento de vários tipos de compromisso da FCT. Sendo o orçamentado para 2011 da ordem de grandeza do executado em 2008, ficam muitas dúvidas quanto à capacidade da FCT vir a poder honrar os compromissos assumidos, mesmo que viesse a executar a 100% o que, nas condições presentes e face ao historial recente, parece muito improvável.

Juntemos a estes dados o que a “Breve Apresentação” do MCTES nos quis mostrar. Qual destas realidades deveremos tomar como certa? A que o Senhor Ministro nos quer fazer ver ou a que nos é fornecida pelas fontes autênticas e que todos sentimos nos nossos laboratórios? Que esperança poderão ter os jovens portugueses que acabam agora os seus doutoramentos e aqueles que acreditaram nos contratos temporários Ciência 2007 e Ciência 2008? Que futuro para a ciência portuguesa?

Fundação para a Ciência e a Tecnologia, orçamentado e executado²



| | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| OE-ano n | 281.6 | 325.4 | 552.1 | 581.9 | 654.1 | 501.5 | 436.7 |
| OE-est n+1 | 281.5 | 314.4 | 528.3 | 556.3 | 478.7 | 353.5 | |
| Rel.FCT (PIDDAC) | 176.8 | 235.2 | 369.4 | 424.2 | | | |

Quadro I do MCTES

528.3

532.1

² Nesta figura adiciona-se a informação prestada em 5 de Novembro de 2010 pelo MCTES na sua *Breve apresentação da proposta de Orçamento de Estado para 2011*. Diversos valores constantes nesta informação parecem divergir dos que aparecem no Relatório do Orçamento de Estado apresentado pelo Governo. No Quadro I, *MCTES - Orçamentos dos anos 2010 e 2011*, sob a rubrica *Ciência e Tecnologia*, aparecem os valores aqui transcritos que são superiores aos apresentados nos relatórios, sendo a diferença para 2011 especialmente relevante.

1. Todos sabemos que o Governo Sócrates levou o país a uma posição insustentável. Todos sabemos que os portugueses serão obrigados a enfrentar anos difíceis e imerecidos. Acredito que ninguém nesta sala quer matar a galinha de que esperamos os ovos de ouro do nosso desenvolvimento a médio prazo. Todos sabemos que o investimento em Ciência que foi feito nos últimos decénios colocou Portugal numa posição de que pode esperar um retorno a breve prazo e que essa é uma das poucas linhas de esperança para o nosso futuro. Mas precisamos de falar verdade, de falar numa linguagem em que os nossos cientistas possam confiar.

NÃO É ESTE O CAMINHO!

2. Ao contrário de Portugal, outros países europeus estão a fazer uma consolidação orçamental em que os credores acreditam (e, infelizmente não é este o nosso caso) e a Ciência tem sido protegida dos cortes orçamentais porque, nesses países, os governos acreditam que esse é o caminho para o desenvolvimento futuro. Lembro-lhe a Espanha, a França, a Inglaterra. O Governo Sócrates ganha na retórica mas a Ciência portuguesa não vive de retórica, precisa de apoio e de boa gestão, precisa de mais apoio e de melhor gestão para que os melhores sejam premiados e possam cumprir o seu futuro. Nos últimos 5 anos, a Ciência portuguesa tem vivido de medidas avulsas, por vezes muito caras. Esgotou-se a vontade de construir um sistema competitivo, aberto e eficaz.

NÃO É ESTE O CAMINHO!

3. O Senhor Ministro lembra-nos regularmente que o seu Ministério conseguiu estatísticas que sugerem que temos já 7,2 investigadores por cada mil activos, ultrapassando mesmo a média europeia. O que os nossos jovens investigadores querem ver, não são estatísticas de auto-glorificação do Ministério da Ciência. O que eles querem ver são os anúncios de vagas de investigador nas nossas empresas. Querem ver as empresas que aparecem nas estatísticas como grandes investidores em Ciência a abrirem vagas para doutorados! Quantos doutores estarão a fazer investigação no BCP, na PT ou na Galp? Para que serve a

renovação do mecanismo de Incentivos Fiscais se os nossos jovens investigadores não tiverem uma oportunidade para mostrarem aquilo de que são capazes? Para o mostrarem em Portugal? Obter boas estatísticas não chega!

Senhor Ministro, os nossos jovens vêm o caminho barrado. Muitos dos nossos jovens mais promissores partem para o estrangeiro porque não acreditam em si!

NÃO É ESTE O CAMINHO!

Disse.